



# CALIBÃ E A BRUXA

## Introdução

adaptado da obra de Silvia Federici por Line Lemos



Olá! Meu nome é **Line**,  
sou historiadora de formação,  
artista visual e quadrinista.

Compartilho aqui uma adaptação em quadrinhos do trecho inicial do livro **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**, leitura que me marcou profundamente. Se tiver a oportunidade, apoie os responsáveis pelo texto original: **a autora Silvia Federici, os tradutores do Coletivo Sycorax e a Editora Elefante.**

Essa adaptação deu um trabalho do caramba. Se você gostou, considere colaborar com um pix de qualquer valor para o e-mail:

**[desalineada@gmail.com](mailto:desalineada@gmail.com)**

É o meu contato, se quiser me contar o que achou.  
Você também pode conhecer outros trabalhos meus no site:

**[linelemos.com](http://linelemos.com)**

Obrigada e boa leitura!





# CALIBÁ E A BRUXA

## Introdução

adaptado da obra de Silvia Federici por Line Lemos



Desde Marx, estudar a gênese do capitalismo é um passo obrigatório para ativistas e acadêmicos interessados na construção de uma alternativa à sociedade capitalista. Este livro foi concebido dentro dessa tradição, mas também tem duas motivações particulares.

Primeiro, repensar o desenvolvimento do capitalismo a partir de um **ponto de vista feminista**, evitando uma “história das mulheres” separada do setor masculino da classe trabalhadora.

Calibã representa o rebelde anticolonial, mas também o corpo proletário.

A figura da bruxa está no centro da cena e encarna mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir.

Teóricos terceiro-mundistas em 1960

○  
CAPITAL  
Karl Marx

Historiadores marxistas nos anos 1940 e 1950

A  
TEMPES  
TADE  
Shakespeare

A **segunda motivação** foi a nova expansão das relações capitalistas, com o retorno em escala mundial de fenômenos normalmente associados à gênese do capitalismo:

Por que depois de quinhentos anos de domínio do capital os trabalhadores ainda são massivamente definidos como pobres, bruxas e bandoleiros?

De que maneira se relacionam a expropriação e a pauperização com o permanente ataque contra as mulheres?

O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado em perspectiva feminista?

pauperização e criminalização dos trabalhadores

expropriação de produtores agrários de suas terras

novos movimentos de diáspora

intensificação da violência contra as mulheres





Karl Marx (1818-1883)

Acumulação primitiva conceitua as mudanças produzidas pelo advento do capitalismo nas relações econômicas e sociais.

Trata-se de um **processo fundacional** que revela as condições estruturais para o desenvolvimento da sociedade capitalista.

É uma ideia importante pois nos permite ler o passado como algo que sobrevive no presente.

Porém, enquanto Marx examina a acumulação primitiva do ponto de vista do proletariado assalariado de sexo masculino e da produção de mercadorias, eu a examino do ponto de vista das mudanças que introduziu na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho.

Daí que minha descrição da acumulação primitiva inclui uma série de fenômenos ausentes em Marx:

- i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho;
- ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens;
- iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores.

Essa análise se diferencia também da marxiana em sua avaliação do legado e da função da acumulação primitiva.

A história do capitalismo está escrita nos anais da humanidade com letras de sangue e fogo.

Apesar disso, cria as condições materiais para liberar a humanidade da escassez e trata-se de um passo necessário no processo de libertação.

A violência de suas primeiras fases deverá retroceder com a sua maturação.

Nisso, estava profundamente equivocado. Cada fase da globalização capitalista, incluindo a atual, vem acompanhada de um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva.

Marx nunca teria suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação se tivesse olhado sua história do **ponto de vista das mulheres**.

Mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores.

Visibilizar tais estruturas de dominação não é um esforço inédito entre historiadoras feministas.

Questionei a periodização histórica clássica que celebra o Renascimento como uma façanha cultural excepcional em *As mulheres tiveram um Renascimento?* (1984).

Em *A morte da natureza* (1981), demonstrei que o advento do racionalismo científico também legitimou a exploração das mulheres e da natureza.

No estudo *Patriarcado e acumulação em escala mundial* (1986), reexaminei a acumulação capitalista de um ponto de vista não-eurocêntrico e conectei o destino das mulheres na Europa ao dos sujeitos coloniais europeus.

Joan Kelly (1928-1982)

Carolyn Merchant (1936)

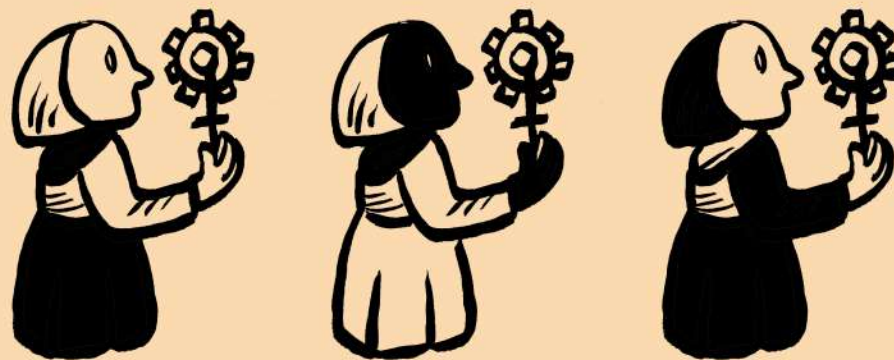
Maria Mies (1931)

Esse livro dialoga com a história das mulheres e a teoria feminista e confirma a relevância da transição para o capitalismo para tais estudos.

A redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas nesse período, realizada com máxima violência e intervenção estatal, não deixa dúvidas quanto ao caráter construído dos papéis sexuais na sociedade capitalista.

Nela, a **feminilidade** foi construída como uma função-trabalho que oculta a produção de força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico.

Nesse sentido, o gênero aqui é tratado não como uma realidade puramente cultural, mas como **uma especificação das relações de classe**.



Uma vez que a divisão sexual do trabalho que produziu esse conceito ainda não foi transcendida, o termo **mulher** pode ser utilizado como categoria de análise legítima, e as atividades associadas à reprodução seguem sendo um terreno de luta fundamental para as mulheres e um nexa com a história das bruxas.

As feministas também revolucionaram o discurso filosófico e político partindo de uma análise da **política do corpo**



campo atribuído por muitos a



Michel Foucault  
(1926-1984)

Na verdade, o conceito de **corpo** já era importante para teóricas e ativistas feministas.



Para além de nossas diferenças, concluímos que a identificação das mulheres com uma realidade corporal degradada foi instrumental para a consolidação do poder patriarcal.

E para a exploração do trabalho feminino.

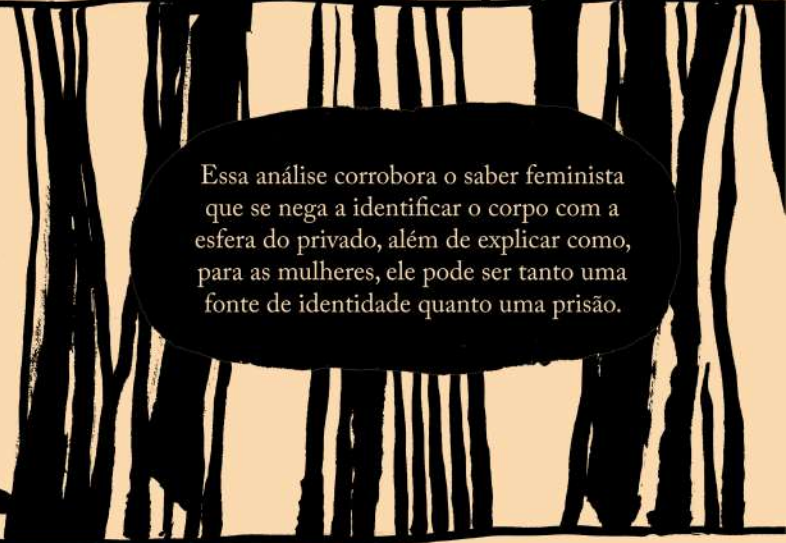


Nessa linha, *Calibã e a bruxa* mostra que, na sociedade capitalista, o **corpo** é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados:

o principal terreno de sua **exploração e resistência**.



O corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a **acumulação de trabalho**.



Essa análise corrobora o saber feminista que se nega a identificar o corpo com a esfera do privado, além de explicar como, para as mulheres, ele pode ser tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão.

Além disso, revela as omissões da teoria de Foucault, que ignora a diferenciação sexual e está mais interessada em descrever como se desdobra o poder do que em identificar sua fonte e motivações.



Na Europa do século xviii, ocorre a virada de um tipo de poder constituído sobre o direito de matar para um **bipoder** que se exerce pela administração de forças vitais, como o crescimento da população.

Se situamos essa mudança no contexto do surgimento do capitalismo, a promoção das forças da vida se revela o resultado de uma preocupação pela acumulação da força de trabalho, processo que anda de mãos dadas com uma destruição massiva de vidas.



Se tivesse incluído a **caça às bruxas** em sua análise, Foucault perceberia que essa história não pode ser escrita do ponto de vista de um sujeito universal, abstrato, assexuado.

A perseguição às bruxas, assim como o tráfico de escravos e os cercamentos, constituiu um aspecto central da acumulação e da formação do proletariado moderno, tanto na Europa como no Novo Mundo.

Acadêmicas feministas já explicaram que a caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para um regime patriarcal mais opressor.

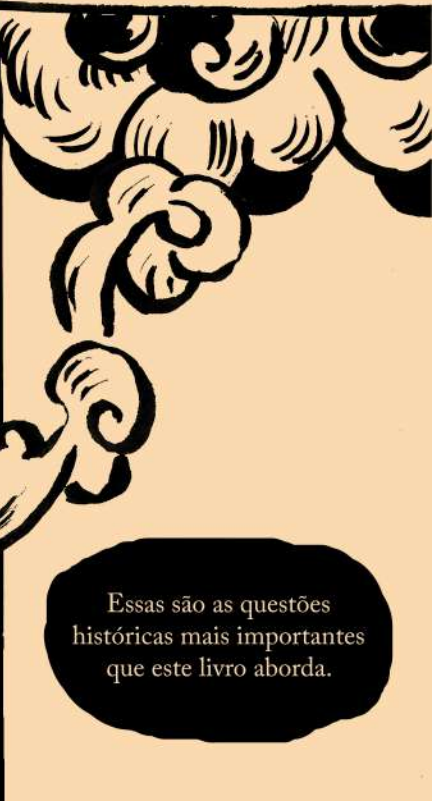
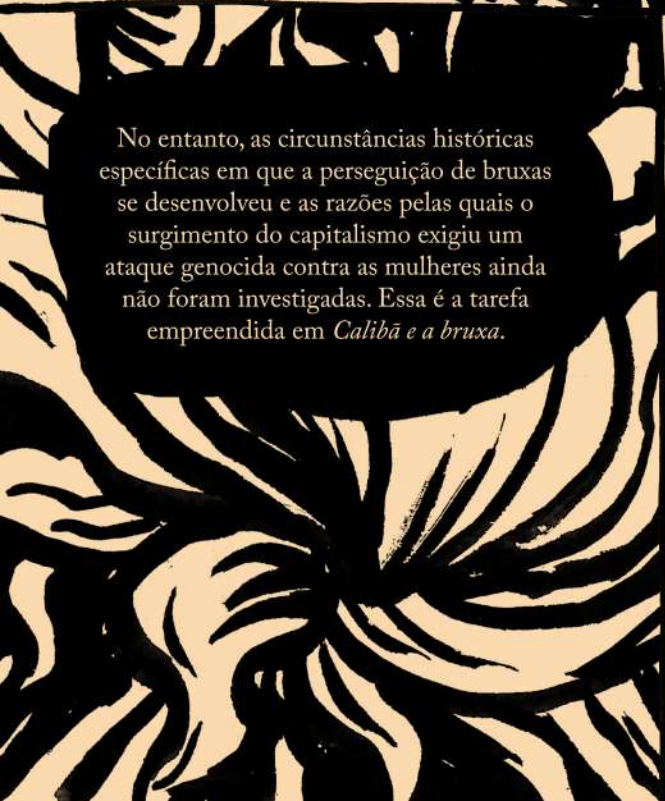
Defende-se também que a perseguição tinha raízes nas transformações que acompanharam o surgimento do capitalismo.

No entanto, as circunstâncias históricas específicas em que a perseguição de bruxas se desenvolveu e as razões pelas quais o surgimento do capitalismo exigiu um ataque genocida contra as mulheres ainda não foram investigadas. Essa é a tarefa empreendida em *Calibã e a bruxa*.

Como explicar a execução de centenas de milhares de “bruxas” no começo da Era Moderna?

Por que o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres?

Essas são as questões históricas mais importantes que este livro aborda.



O exemplo histórico originário da acumulação primitiva sedimentou estratégias que, diante de cada grande crise capitalista, foram relançadas com a finalidade de **baratear o custo do trabalho e esconder a exploração** das mulheres e dos sujeitos coloniais.

É o que ocorre na atualidade, quando uma nova expansão do mercado de trabalho busca colocar em retrocesso as lutas anticoloniais e de outros sujeitos rebeldes.

Enquanto sistema econômico-social, o capitalismo

está necessariamente ligado

ao racismo

e ao sexismo.

O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais

promessa de liberdade

realidade de coação

promessa de prosperidade

realidade de penúria

difamando a "natureza" daqueles a quem explora:

mulheres

sujeitos coloniais

descendentes de escravizados africanos

imigrantes deslocados pela globalização

Se o capitalismo foi capaz de reproduzir-se, isso não se deve a sua capacidade de satisfazer necessidades humanas, e sim a de **globalizar a exploração e tecer uma rede de desigualdades** no corpo do proletariado mundial. Esse processo segue desenvolvendo-se diante de nossos olhos. A diferença é que, hoje, a **resistência ao capitalismo** também atingiu uma dimensão global.

O mundo deverá sofrer uma grande sacudida. Acontecerá uma situação tal que os ímpios serão expulsos de seus lugares e os oprimidos se levantarão.



Thomas Müntzer, *Open denial of the false belief of the godless world on the testimony of the gospel of Luke, presented to miserable and pitiful christendom in memory of its error*, 1524.

Não se pode negar que, depois de séculos de luta, a exploração continua existindo, somente sua forma mudou. O “mais-trabalho” extraído aqui e ali pelos atuais senhores do mundo não é menor, em proporção, à quantidade total de trabalho que o mais-trabalho que se extraía há muito tempo. porém, a mudança nas condições de exploração não é insignificante [...] o que importa é a história, a luta por libertação [...].



**Medieval  
Slavery and  
Liberation**

Pierre Dockès, 1982

O mundo precisa de uma sacudidada:

# CAPÍTULO I

Os

movimentos sociais

e a crise política

na Europa

medieval

Uma história das mulheres e da reprodução na “transição para o capitalismo” deve começar com as lutas que o proletariado medieval\* travou contra o poder feudal.

\*Pequenos agricultores, artesãos e trabalhadores

Apenas se invocarmos essas lutas podemos compreender o papel das mulheres na crise do feudalismo e os motivos pelos quais seu poder devia ser destruído a fim de que se desenvolvesse o capitalismo, tal como ocorreu com a perseguição às bruxas durante três séculos.

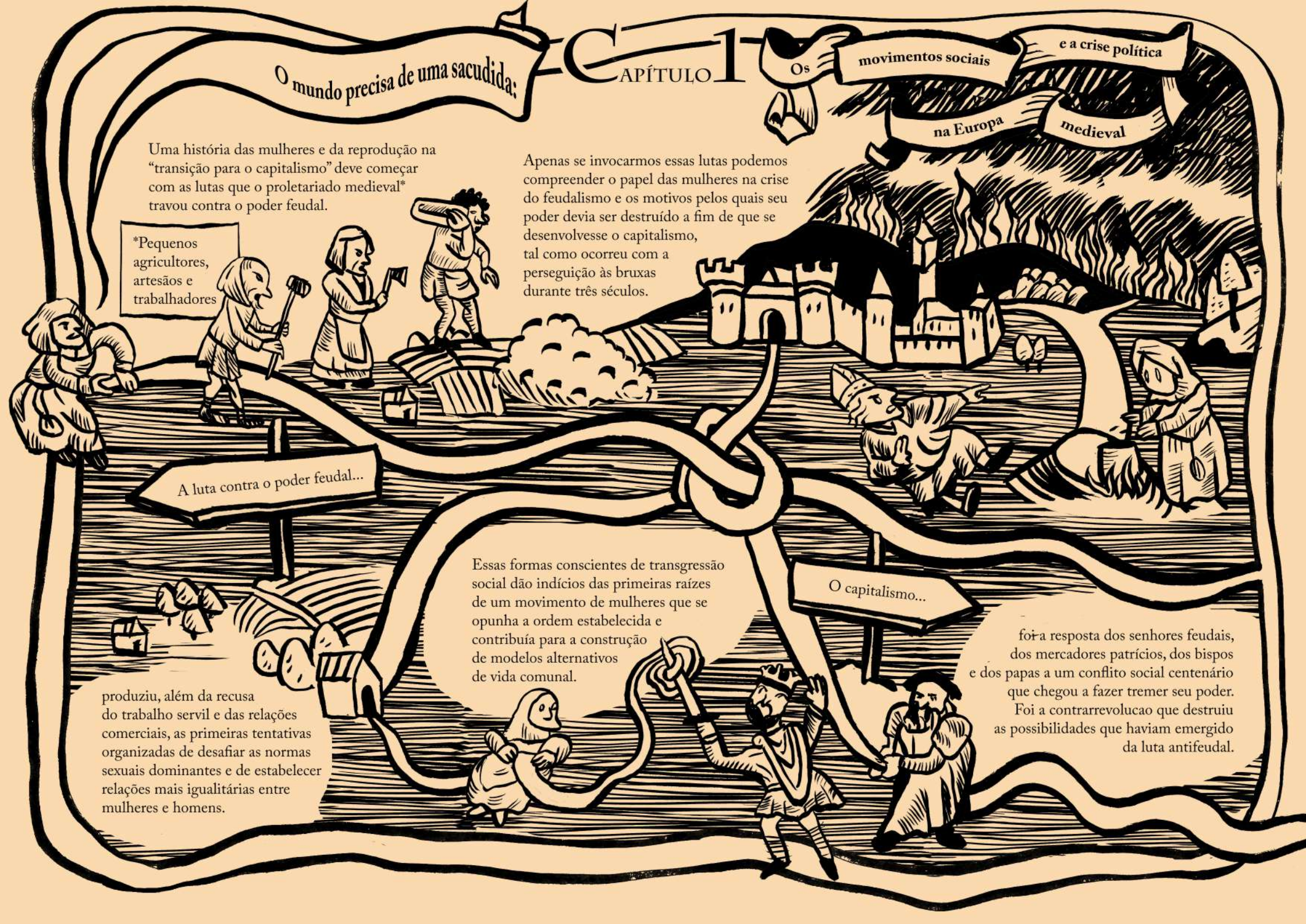
A luta contra o poder feudal...

Essas formas conscientes de transgressão social dão indícios das primeiras raízes de um movimento de mulheres que se opunha a ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal.

O capitalismo...

produziu, além da recusa do trabalho servil e das relações comerciais, as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens.

foi a resposta dos senhores feudais, dos mercadores patricios, dos bispos e dos papas a um conflito social centenário que chegou a fazer tremer seu poder. Foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal.



As reivindicações das lutas sociais da Idade Média

por uma ordem social igualitária,  
baseada na riqueza compartilhada e na  
recusa às hierarquias e ao autoritarismo

continuariam sendo uma utopia.

O que resultou do final do feudalismo foram  
verdadeiros presságios da nova era capitalista:

enfermidade

guerra

fome

morte

Devemos enfatizar esse aspecto, pois a crença de  
que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo  
e de que representa uma forma mais elevada  
de vida social ainda não se desfez.

Apesar de sua derrota, as tentativas de  
“colocar o mundo de cabeça para baixo”  
conseguiram pôr em crise o sistema feudal e  
demonstram que outro mundo era possível.

Este capítulo procura entender por que as alternativas ao  
feudalismo e à ordem capitalista que o estava substituindo  
não se desenvolveram, ao mesmo tempo que examina os  
modos como se redefiniram as relações entre as mulheres e  
os homens e a reprodução da força de trabalho, em  
oposição ao regime feudal.

A luta antifeudal nos ajuda também a reconstruir as dinâmicas sociais que  
subjaziam no fundo dos cercamentos ingleses e da conquista da América.  
Nos ajudam, sobretudo, a desenterrar algumas das razões pelas quais, nos  
séculos xvi e xvii, o extermínio das “bruxas” e a extensão do controle estatal  
a qualquer aspecto da reprodução se converteram nas pedras angulares de  
um processo fundamental ao desenvolvimento do capitalismo:

a acumulação primitiva





# **Calibã e a bruxa: Introdução**

**adaptado da obra de Silvia Federici por Line Lemos**

## LINE LEMOS

é artista visual e educadora natural de Belo Horizonte, Mestre em História pela UFMG e bacharel em Artes Plásticas pela Escola Guignard. Publicou os livros A hora da estrela (Rocco, 2025), Fessora! (Independente, 2021) e Artistas Brasileiras (Miguilim, 2018 - Prêmio HQ MIX).

alolinelemos@gmail.com  
instagram.com/line\_\_lemos  
linelemos.com

